

~~B. A. 1786~~ 5663

E. A. 238 V.

250
7

O CALCANHAR D'ACHILLES

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O CALCANHAR D'ACHILLES

ALBUM DE CARICATURAS

GRAVADAS

ESTAMPADAS

AGUA FORTE

ACADEMIA DAS BELLAS ARTES

PELO AUCTOR

DE LISBOA



FOTTE

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO. 89

LISBOA

MDCCLXX

RODRIGUES ESTAMPOU



B. A.

~~1785~~

566³

E.A.
238V.

O CALCANEAR D'ACHILLES

© CAROLANNA D. BARRIS

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O CALCANHAR D'ACHILLES

ALBUM DE CARICATURAS

GRAVADAS A AGUA FORTE PELO AUCTOR



LISBOA

IMPRENSA DE JOAQUIM GERMANO DE SOUSA NEVES

65—RUA DA ATALAIA—67

M DCCC LXX

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O CALCANHAR D'ACHILLES

ALBUM DE PARICATAURAS

GRAVADAS A AGUA FORTE PELO AUCTOR



1880

IMPRIMERIA DE JOAQUIM GEBIANO DE SOUSA NETES

82 - RUA DA ALFAIA - 82

R. 1000 02



Copyright, Franklin B. Rowland
1870

MEU PRESADO ARTISTA



oi V. testemunha da minha sincera admiração quando no dia 27 de novembro do anno passado teve a bondade de me apresentar as suas engraçadas e originalissimas caricaturas, e como V. benevolmente consentiu que eu as mostrasse a muitas pessoas, pude afirmar-lhe, passados alguns dias, que ninguem as vira, homem, senhora ou creança, sem manifestar satisfação igual á que me causaram e sem applaudir muito a sua feliz inspiração.

Este foi então o parecer geral. Devo porém acrescentar que aos homens versados no conhecimento das artes e apaixonados da gloria nacional ouvi dizer que se a França, desde Callot até Gavarni e Cham, se honra com longa e nunca interrompida serie de caricaturistas, se o *Punch* ainda hoje revela ao mundo inteiro a supremacia dos artistas inglezes desde o engenhoso Cruishenck até aos nossos dias, se a Italia tem mantido sempre n'este assumpto os seus creditos artisticos, se a Hespanha se gloria das caricaturas do aragonez Goya e dos numerosos discipulos de tão notavel mestre, e se a fleugmatica Allemanha procura competir em originalidade e perfeição com os caricaturistas das outras nações, era muito para louvar que um portuguez entrasse tambem na lice em que até os americanos

do norte e os brasileiros se têm apresentado galhardamente. Presta V. pois um serviço importante á arte nacional, e mantendo-se nos limites do gracejo inoffensivo dá a todos generoso exemplo.

Não imaginava eu então que me caberia a honra de figurar na primeira pagina do seu album; que a sua bondade me dispensaria distincções successivas e tão superiores aos meus acanhados merecimentos, e que me pediria licença para dar publicidade ás caricaturas em que a V. approuve collocar-me. Prézo-me de tão repetidas finezas, e ao agradecel-as mui cordialmente noto que V. requerendo a permissão de nos honrar a todos quantos entramos no seu precioso Album, deu provas de singular modestia e inexcedivel cortesia. As suas caricaturas são dignas de andarem nas mãos de todos para gloria do paiz, credito de V. e gosto dos caricaturados que não tiverem adoptado por divisa o *Noli me tangere* dos latinos.

É magnifica a composição da primeira e apurado o gosto com que V. dispoz os ornatos, mas permitta-me que não diga mais a respeito d'ella. Tenho pejo de me ver na primeira plana cercado de tanta gente mais valiosa do que eu, e receio que a altura a que me elevou a sua benevolencia, me desvaneça o entendimento. Tratemos das outras caricaturas.

Foi acertada a lembrança de fazer que saisse de uma flor o nosso

mimosissimo poeta Eduardo Vidal cujos versos rescendem aos aromas dos jardins, e são graciosos como os amores que lhe esvoaçam á roda.

Engraçadissima é a caricatura relativa ao grande historiador portuguez e sobre engraçada philosophica. Em Portugal parece regra com mui raras excepções que os homens de letras acabem por vender azeite, se o possuem, ou por vender a camisa, o que é mais vulgar ainda. São excellentes as figuras que á porta da Academia lastimam a transformação do chorado socio em lavrador do Ribatejo.

Com chistosa felicidade lhe correu o lapis na caricatura de Píneiro Chagas, vestido de *Morgadinha de Valflor* e recebendo as homenagens de Francisco Palha em quanto vão mettendo a viola no sacco varios dramaturgos, e só resistem ao esplendor de tão merecido triumpho os auctores das magicas. São retratos as figuras microscopicas que vão subindo pelo vestido da *Morgadinha*, e no meu entender merecem especial attenção. Tambem ha philosophia n'esta caricatura. Aquelle genio que distribue coroas ao auctor e dinheiro ao empresario, está indicando a mesquinha proporção que existe entre o modesto premio dos homens de letras e os lucros comparativamente avultados dos theatros.

Se estivesse perto de mim quando pela primeira vez lancei a vista á caricatura do padre mestre Roussado caminhando armado de peru e borracha entre o Ramalho Ortigão e o Julio Machado, ouviria a mais sincera e estrepitosa gargalhada que tenho dado na minha vida. Tres magnificas figuras de tres homens notaveis cujos talentos são de mui diversa especie, mas cujos corações são todos de ouro e de igual quilate. Feliz caricatura! Sim senhor. Muito feliz. Com que alvoroço a não receberá em Cadix o nosso Roussado pouco depois de lhe terem

chegado á mão as HISTORIAS CÔR DE ROSA, perfumado ramilhete de Ramalho Ortigão, e os QUADROS DO CAMPO E DA CIDADE, novissimo e precioso livro de Julio Cesar Machado!

Agora temos o meu velho amigo Bulhão Pato em extasi poetico, esquecido da caça e ludibriado pelas perdizes e pelos coelhos e lebres em cuja perseguição saíra a campo. Descobriu porventura alguma nova *flor agreste* e medita principiar por ella outro volume tão desejado pelos que leram o primeiro. Acaba gentilmente com esta caricatura o primeiro fasciculo da sua obra.

Não tenho por menos interessante o segundo fasciculo, no qual vejo em primeiro logar o meu amigo Palmeirim cujas poesias o povo canta alegremente por esse reino inteiro. Deu origem a este desenho a contenda em que o illustre poeta teve de acudir pela honra dos seus mais proximos parentes.

Representa a segunda caricatura o meu saudoso Thomas Ribeiro no momento de partir para a India. Surge dos lados do oriente o astro do dia festejando a visita do poeta o qual já embarcado e apontando para o sol se despede de Silva Gayo e dos numerosos amigos que dos ramos de um chorão lhe estão dizendo adeus. A poesia apontando para a arvore parece dizer-lhe: *Do alto d'aquelle chorão mais de quarenta litteratos vos contemplam*. Está excellente e tem figuras preciosas. Não será dos que menos a admirem, o auctor de D. Jayme, cujo espirito elevado aprecia todos os primores de arte como quem a sabe e professa.

Em seguida vem a de Rebello da Silva, discretamente imaginada e digna do variado talento e largas aptidões do insigne auctor da *Ultima corrida de touros em Salvaterra*.

A de Camillo Castello Branco escrevendo a vapor proclama de-



vidamente a admiravel fecundidade do escriptor que aos quarenta annos já tinha publicado mais de quarenta volumes, e que vingou os portuguezes da injuria que nos faziam nacionaes e estrangeiros julgando-nos tão pobres de imaginação que não podiamos primar no romance com a facilidade com que o fizemos na poesia, na historia e em todo o genero de escriptura. Ideia excellente; execução optima.

Cá está o meu velho amigo Castilho de lira em punho sobre uma das arvores do seu Tibur em roda da qual giram applaudindo-o todos os homens de letras que sempre accolheu com affecto, aconselhou com amor e celebrou com enthusiasmo. No primeiro plano do desenho figura o alfabeto do methodo repentino, e com rasão lhe deu V. logar avantajado porque no coração do insigne traductor do Ovidio nunca houve desejo mais profundo nem mais perseverante que o de aperfeiçoar o ensino das creanças. Esta caricatura é das melhores.

Conclue o segundo fasciculo do Album com a licção do Sr. Viale, uma das mais espirituosas lembranças que V. teve. Na primeira apparencia ha de ter-se por estranho que á voz do sabio professor adormeça o auditorio inteiro, mas quem souber que V. graceja sem aggreddir, porá maior empenho em acertar com o sentido do desenho e virá a entender que o somno não proveio do orador mas do assumpto. O Sr. Viale é professor de grego. Eu que estudei grego dous annos posso dizer a quantos tiverem assistido a uma prelecção da lingua de Homero sem ao menos bocejar de vez em quando: *Atirae a primeira pedra ao caricaturista portuguez*. As figuras de Thomas de Carvalho, de Bulhão Pato, de Alexandre Herculano e de tantos outros estão magnificas.

Ahi tem o meu juizo ácerca da sua obra que admiro e celebro.

Parece-me que o titulo de CALCANHAR DE ACHILLES foi escolhido por inspiração da natural delicadesa do seu animo. É obsequioso o epitheto, mas seria desmesurada vaidade que alguém acceitasse o nome do celebre campeão da Grecia, e só lhe não quizesse o calcanhar. O desenho que representa o titulo da obra é curioso e de primorosa execução.

Tenho por acertada a lembrança de não alterar a orthographia das cartas que lhe escreveram os caricaturados. Eu disse em 1862 no prologo do PRATO D'ARROZ DOCE que nós somos o unico povo da Europa que admite anarchia n'esta parte da grammatica. Virá agora o seu Album confirmar o meu dito e mostrar que não houve mudança no assumpto. Em havendo lei orthographica, prometto cumpril-a. Em quanto a não ha, estou como em 1862 redusido a escrever ao acaso e a deixar ao revisor a faculdade de adoptar a orthographia que quiser. Eu pela minha não respondo.

Não desanime e dê publicidade quanto antes ao seu album. É justo saber-se que em Portugal tambem ha caricaturistas de subido merito, e que se não precedemos ao menos seguimos com enthusiasmo o progresso geral das Bellas Artes. V. tem por obrigação trabalhar n'este empenho pois que na sua familia é hereditario o talento artistico, e eu, quanto em mim caiba, festejarei tão briosos esforços como seu

Admirador sincero e amigo

Lisboa—Maio, 1870.

Ant. Teixeira de Vasconcellos



MEU ESTIMAVEL AMIGO

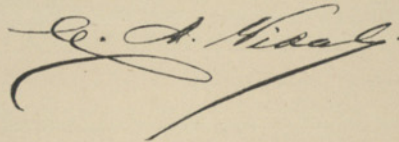
Não só lhe dou auctorisação para tornar publica a minha *caricatura*,
como até lhe agradeço o que ha de amavel na sua fantasia.

Oxalá que os meus versos fossem perfumados, como a flôr de que me
faz sair; e graciosos, como tudo o que é do seu lapis.

Creia-me

Seu amigo

Lisboa — Março, 1870.



Cuida então o meu amigo

Que é um caricaturista?

Eu tenho-o para comigo

Na conta de retratista.

Porque não vejo figura

Que não seja caricata:

Hoje efigie a mais exacta

É uma caricatura!

Ponho a questão nestes termos

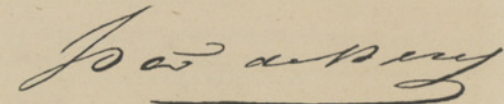
Para que o Bordallo intenda

Que me pode pôr á venda

Caricato.

Até nos vermos.

Lisboa — Março, 1870.



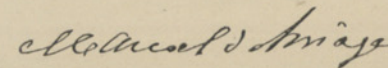
MEU CARO RAPHAEL BORDALLO

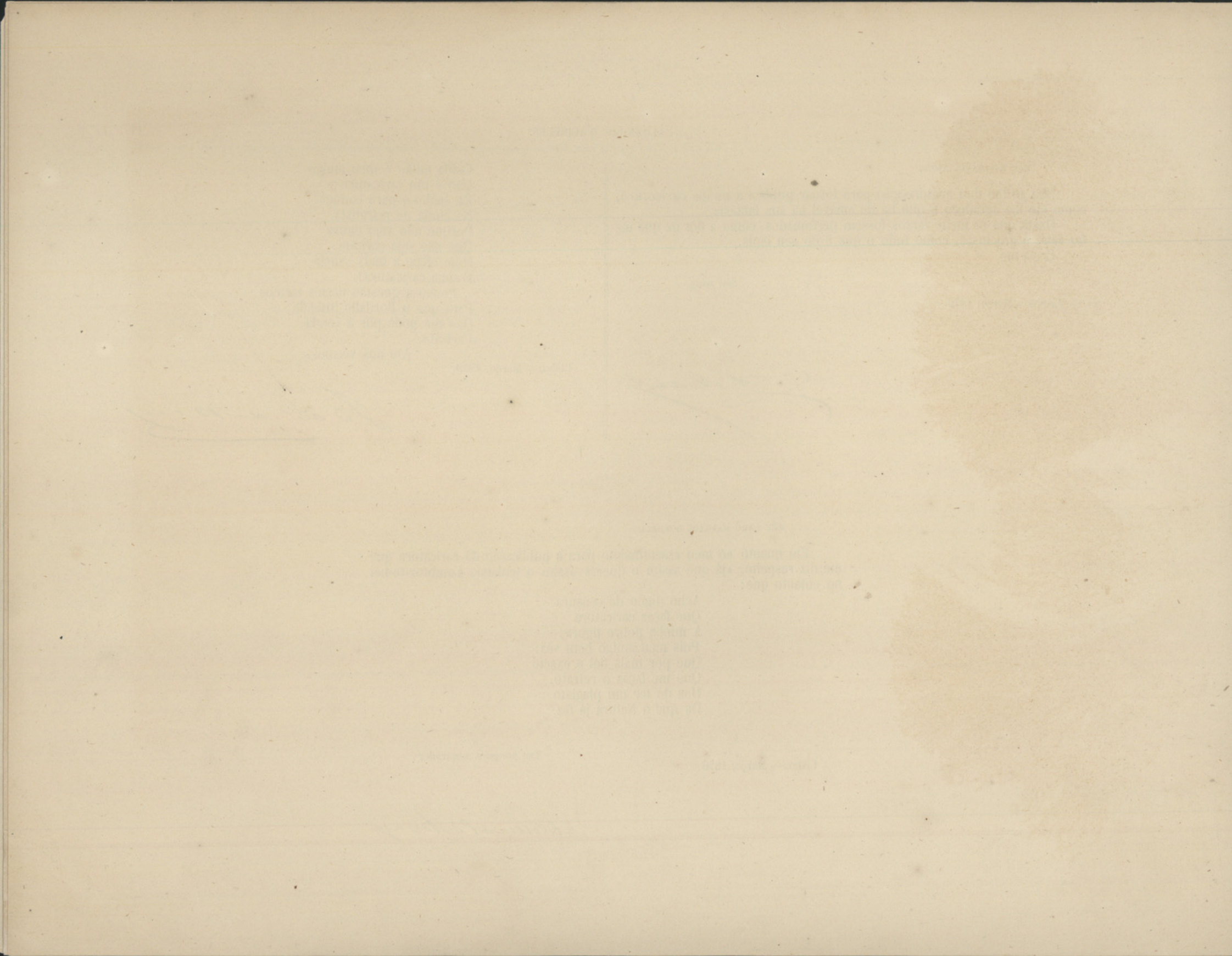
Em quanto ao meu assentimento para a publicação da caricatura que
me diz respeito, «já que assim o queres assim o tenhas». Lembrar-te-hei
no entanto que:

Acho digno de censura
Que faças caricatura
À minha pobre figura;
Pois meu amigo bem vê:
Que por mais fiel e exacto
Que me faças o retrato,
Has de ter um plagiato
Da que a Natura já fez.

Lisboa — Março, 1870.

Teu amigo e admirador







Ainda que para mim seja mais que duvidosa a necessidade que V. suppoem ter de auctorisação minha para publicar uma caricatura que de modo nenhum offende o meu character moral, satisfaço os desejos de V. dando-lhe com o maior gosto a permissão que pede.

Aproveito a conjunctura para agradecer a excellente copia que me remette do seu excellente trabalho, ajunctando a isso sinceros parabens pelas provas que dá de talento n'um genero em que os nossos artistas não me parece terem sido até aqui excessivamente felizes.

Sou de V. etc.

Val-de-Lobos—Março, 1870.

A. Curvelo

Não tenho duvida em annuir ao pedido de V. na sua carta de 9 do corrente.

Sou

De V. etc.

Lisboa—Março, 1870.

Conde d. Azevedo

Pede-me V. permissão para aproveitar a minha figura no seu *album* de caricaturas litterarias? Dou-lh'a com tanta satisfação, quanto pasmo de saber que ella tinha prestimo para alguma cousa.

Offender-me? melindrar-me? Nem por sombras; e estou até com curiosidade de ver como V. pode realisar a empresa de me representar aproveitando o meu *sobriquet* de litterato, porque se á quasi totalidade dos que por ahi assim se denominam, bastaria desenhar-lhes como uma brilhante aureola em torno da cabeça os titulos das suas producções, a mim desafio-o a que mesmo assim seja capaz de o conseguir. Estou, meu caro senhor, com grave receio, de que, desenhando a minha figura, não reste ao seu maravilhoso pincel que inventar para conseguir uma caricatura de litterato. Todavia, o genio é omnipotente.

Tomo, entretanto, a liberdade de lhe mandar o meu retrato. Se vir que não pode fazer delle cousa que valha a pena, conserve-o, ao menos, como lembrança de estima de quem é

De V. Amigo

Lisboa—Março, 1870.

Augusto Soromenho

Recebi a sua carta de 24 do corrente.

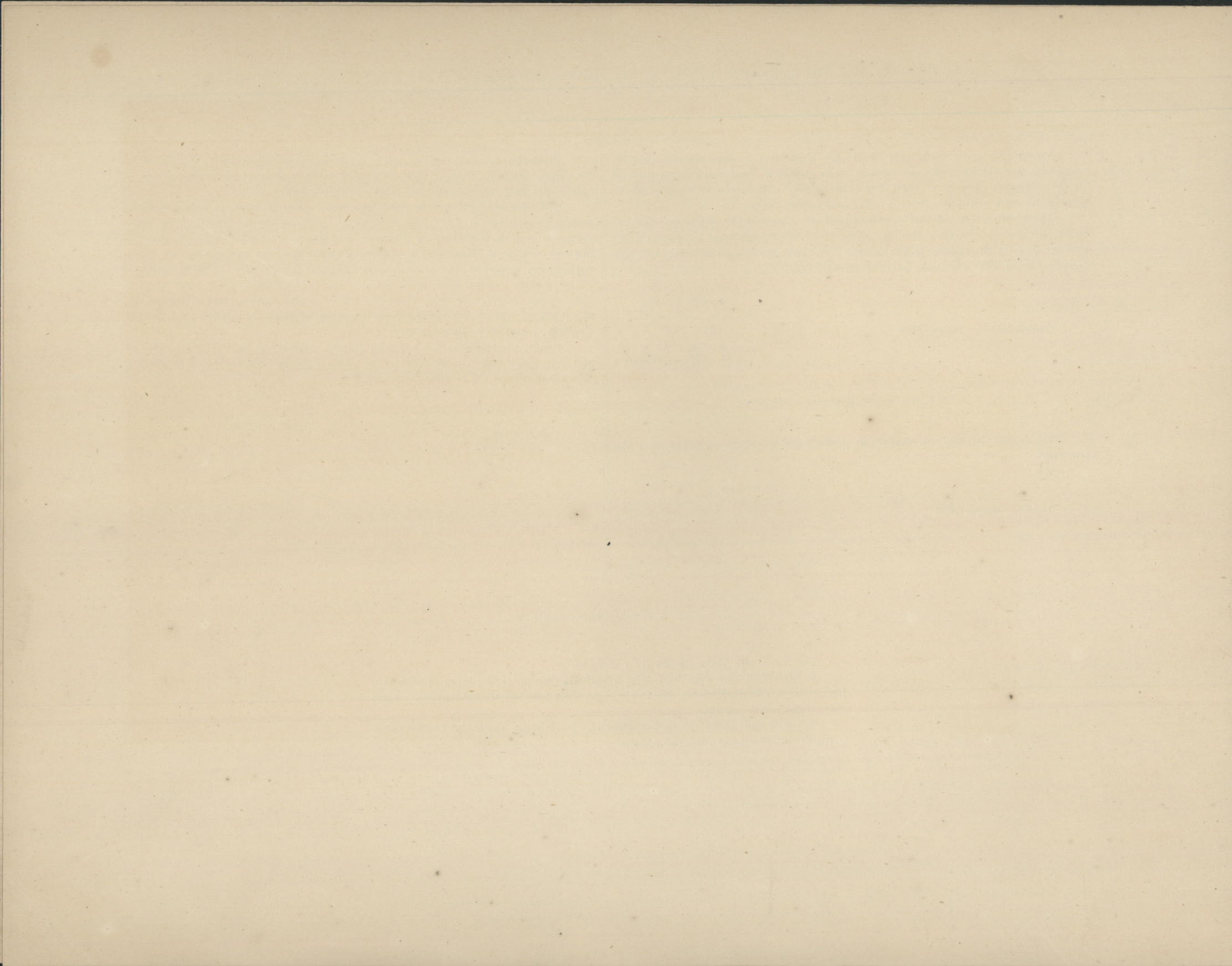
A liberdade que delicadamente manifesta desejar o seu lapis primoroso, não é preciso concedel-a eu. Estava já concedida pelo legislador Horacio: *Licet pictoribus atque poetis.*

Eu não faço mais do que aproveitar a occasião para lhe testemunhar o muito apreço com que me assigno

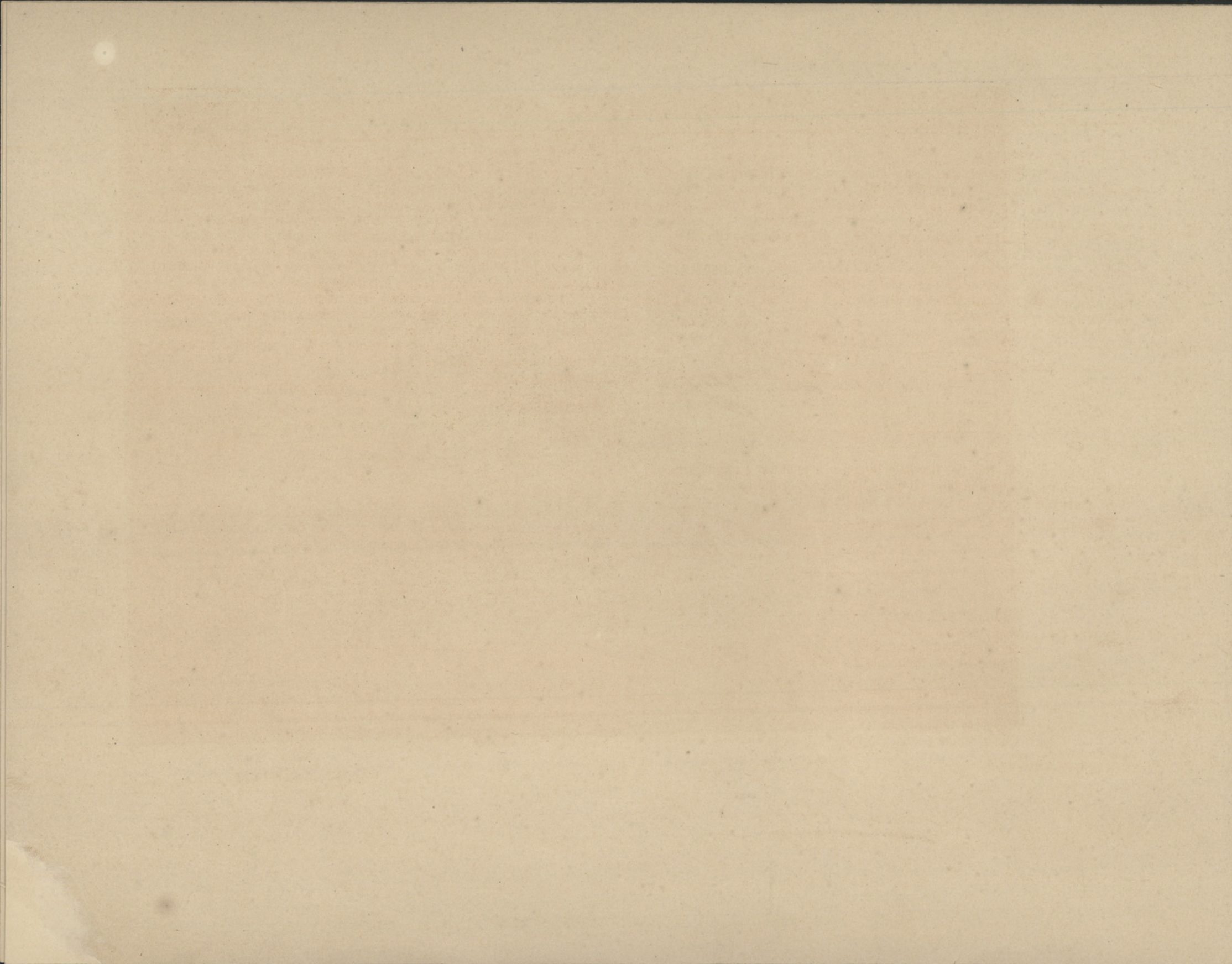
De V. etc.

Lisboa—Março, 1870.

Adriano







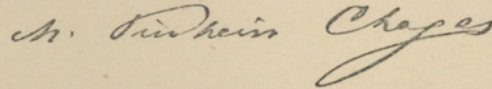
AMIGO E SENHOR

Pede-me V. auctorisação para publicar a minha caricatura. Seria uma honra attrahir a attenção da sua veia chistosa e do seu primoroso lapis, ainda que fosse á custa do meu amor-proprio magoado. Mas, nas suas mãos benevolas a caricatura, se é epigramma, é-o apenas na accepção antiga e legitima da palavra, uma composição a que preside um pensamento conceituoso e agudo. A sua formosissima galeria illumina-a um sorriso, ás vezes apenas malicioso, e comigo particularmente amavel. Envio-lhe por conseguinte a minha auctorisação, os meus agradecimentos, e os meus parabens pela collecção, com que tão brilhantemente se estreia, e que hade ser uma das glorias da nossa arte contemporanea.

Creia-me sempre
Lisboa—Março, 1870.

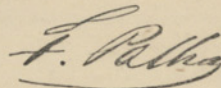
De V.

Admirador e amigo



Auctoriso o Sr. Raphael Bordallo Pinheiro a publicar a minha caricatura,—publicação que lhe agradeço ainda em cima, porque assim morro na doce convicção de que não irei todo á sepultura.

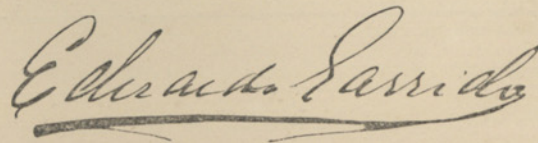
Lisboa—Março, 1870.



Na minha caricatura
Não consentir, offendido,
Seria oppôr-me á ventura
De me tornar conhecido!...

Consinto—e muito me apraz;
Que o seu lapis, com certesa,
Vae fazer uma proesa...
Que a minha penna não faz!

Lisboa—Março, 1870.



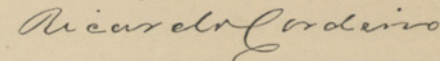
MEU CARO ARTISTA

Seria impossivel recuzar a auctorisação que V. tão delicadamente pede na sua carta. Dou-lh'a, portanto, plenissima, para que o seu lapis, destinado a conquistar as corôas de Cham e de Gavarni, me exponha nas paginas do *album*, que vae illustrar, ao riso inoffensivo dos seus admiradores. Permitta-me V. apenas uma observação. A humildade do meu nome, a obscuridade em que prudentemente o tenho conservado, não são, por certo, titulos para lhe merecerem as honras da caricatura, que de ordinario, se intuitos benevolos a inspiram, é uma explicita manifestação de homenagem aos talentos festejados pelas sympathias geraes. Por este motivo, diz-me a consciencia que não tenho direito de occupar um logar no seu *album*, e se faço esta observação, tendente a prevenir a tal respeito os reparos justificados da critica, é principalmente no interesse da obra de V. que não deve desejar incorrer na accusação de lisongeira.

Creia-me

Lisboa—Março, 1870.

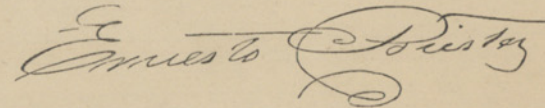
Seu muito admirador e afeiçoado



MEU CARO ARTISTA

O retrato é hoje uma vulgaridade, a caricatura é ainda uma distincção. E pede-me o meu amigo licença para me conceder essa distincção! Ficar-lhe duas vezes obrigado é simplesmente o que me resta.

Lisboa—Março, 1870.

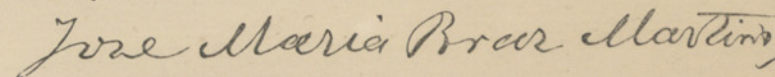


Mal posso escrever; que os meus olhos não me deixam ainda fazel-o: no entretanto, desejoso de responder á sua carta, apresso-me a dizer-lhe, que, não me julgo merecedor da honra que me quer fazer; todavia, se o deseja—cumpra a sua vontade, que respeitarei agradecido.

De V.

Amigo, e irmão nas artes

Lisboa—Março, 1870.



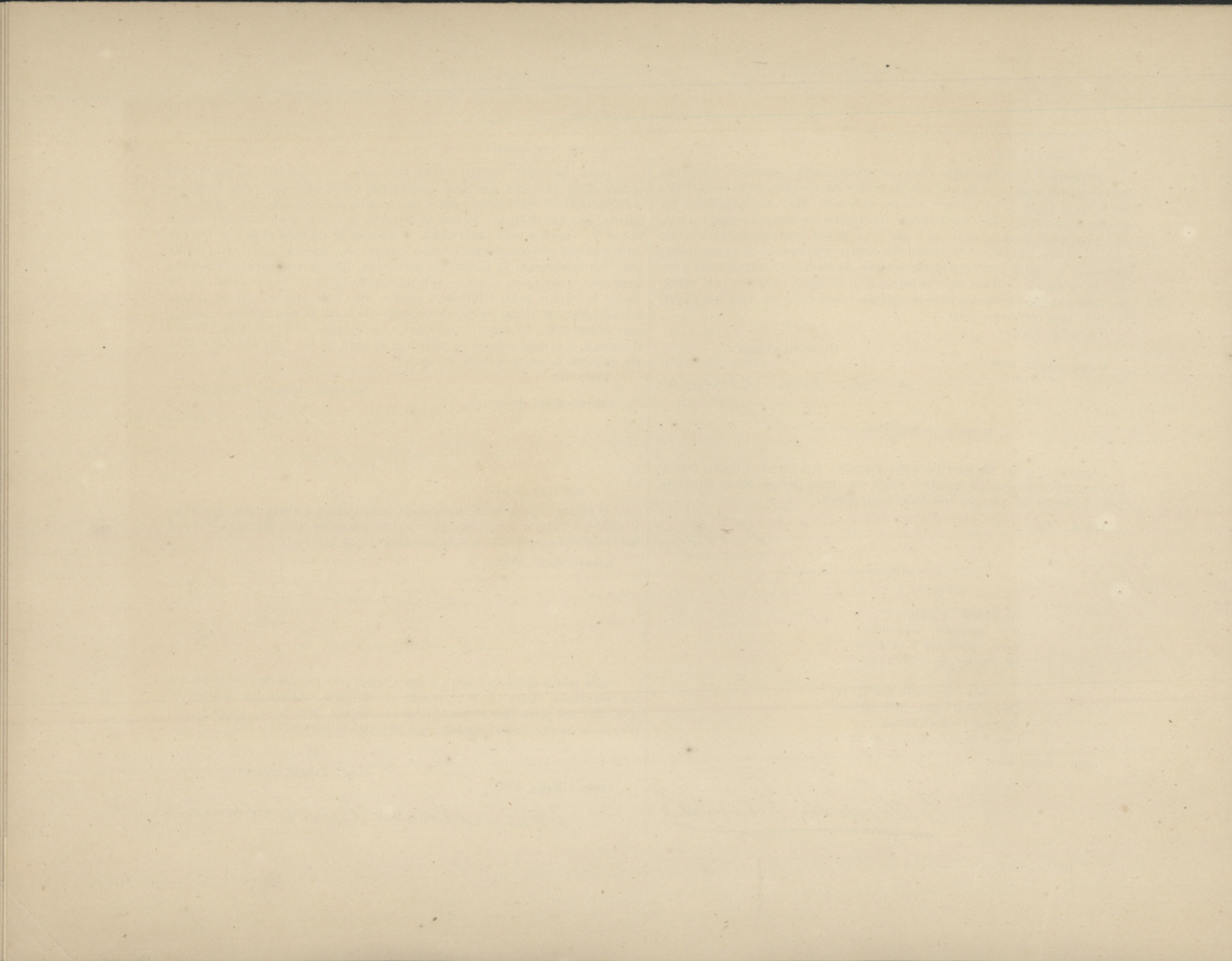
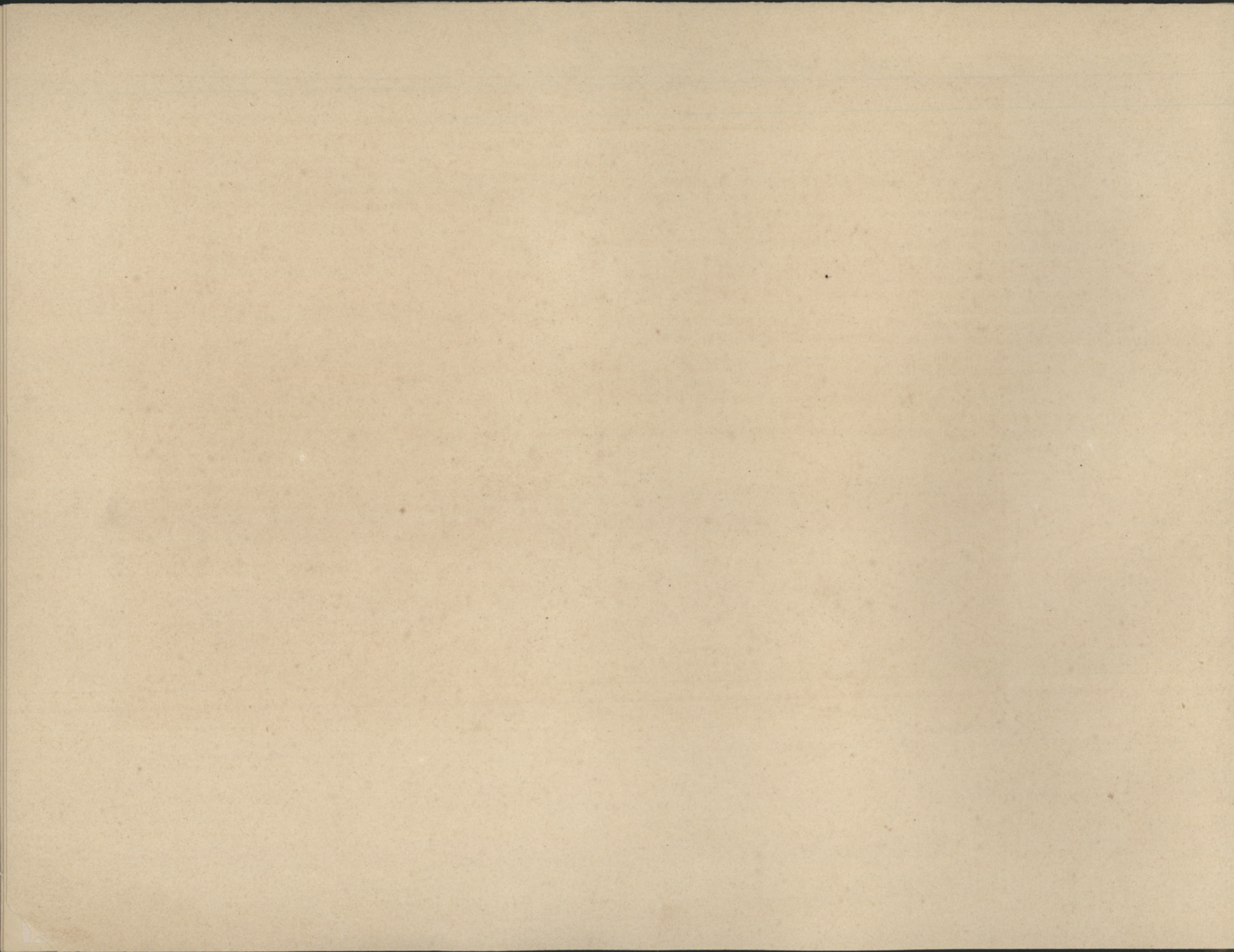


Fig. 29.





Tendo estado ultimamente em Sevilha, só ha dias recebi a atenciosa carta de V. de 26 do mez findo.

O meu amigo o Sr. Fernandes de los Rios, actual Ministro de Hespanha nessa côrte já se havia dignado escrever-me fazendo a descripção da minha engraçada caricatura que V. me remette agora.

Pede V. a minha authorisação para a publicar! Se V. me tivesse esquecido havia de meter empenhos para que me incluísse na sua primorosa galeria. Com a publicação tenho tudo a ganhar e nada a perder.

Sei que toda a gente gosta de ver favorecido o proprio retracto. É preciso audacia para uma pessoa se apresentar de cara descoberta, depois de uma mintira semelhante.

Se todos pensassem como eu, estava em terra a photographia. Os namorados só mandariam suas caricaturas ás namoradas, que haviam de exclaimar cheias de jubilo

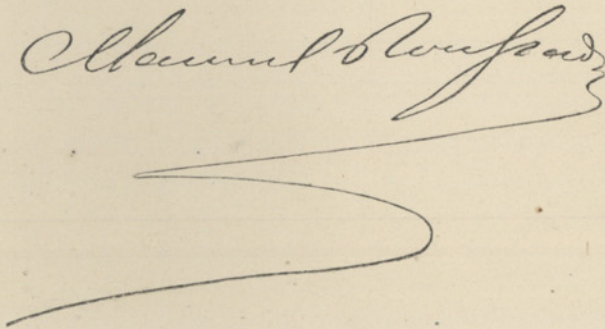
—O demonio não é tão feio como o pintam.

Confesso que soltei uma gargalhada quando vi caricaturada minha pessoa entre as de Julio Machado e Ramalho Ortigão. Parecem-me tres figurões que se dirigem á immortalidade, fazendo escala por Nova Cintra.

Aperto-lhe a mão agradecendo a sua delicadeza, e com muita satisfação me assigno

Cadiz — Março, 1870.

De V. etc.

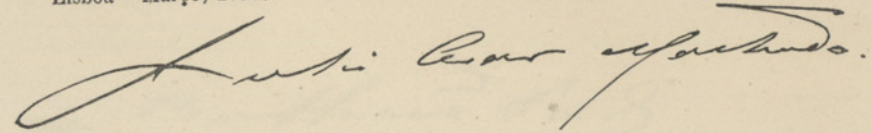


Estou vivamente contrariado de o haver feito esperar. A auctorisação estava já subentendida; mas, em todo o caso, aqui lha dou ampla e largamente, tanto mais que em todos os seus trabalhos, muito graciosos e delicados, sempre que encontro o boneco que me representa, sinto o desejo de lhe escrever por baixo, imitando a formula dos tabelliães: «Reconheço a figura supra.»

De V.

Muito admirador

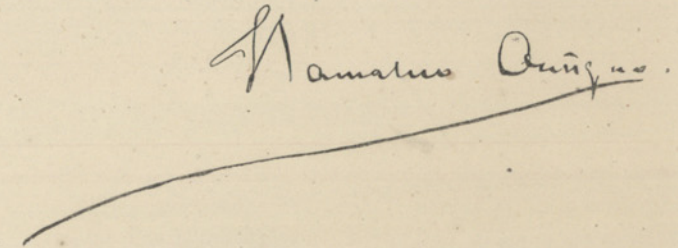
Lisboa — Março, 1870.



Os beneficios com que a celebridade galardôa o litterato portuguez são dois: figurar em photographia nas exposições publicas entre uma bailarina bonita e uma *cocotte* celebre, e passar—a gravura a agua forte cristalisada em caricatura. Eu, que não tenho os minimos direitos ao favor da gloria, tomei já o gosto ao primeiro d'esses prazeres e principio agora a saborear o segundo. Permitta-me, meu talentoso artista, que lhe aperte agradecidamente a mão e que, nada mais tendo que esperar da patria generosa, me despeça de si para morrer consolado no dia em que Deus resolver arrancar-me aos immerecidos obsequios em que estou nadando.

Sympathia cordeal e saudação fraterna

Lisboa — Março, 1870.



Belonging to the same family, and to the same nation, we are united by the ties of affection and of duty. We are united by the ties of affection and of duty. We are united by the ties of affection and of duty.

1776

[Signature]

By the authority of the people, we have elected a Congress, and we have committed to them the management of our affairs. We have elected a Congress, and we have committed to them the management of our affairs.

1776

[Signature]

And we are united by the ties of affection and of duty. We are united by the ties of affection and of duty. We are united by the ties of affection and of duty.

[Signature]

By the authority of the people, we have elected a Congress, and we have committed to them the management of our affairs. We have elected a Congress, and we have committed to them the management of our affairs.

[Signature]

MEU CARO RAPHAEL

Tem licença amplissima para publicar a minha caricatura.
Que ha n'ella de offensivo?
Apenas uma coisa; mas essa é co'a minha vaidade:
Quando o seu lapis me desenhou com a face esqualida, a mão espalma-

da, as pernas como dois finissimos floretes, quer-me parecer que fez mais um retrato do que uma caricatura.

Seja como for, accete um aperto de mão agradecido do seu

Admirador e do seu amigo

Lisboa — Março, 1870.

M. de Albuquerque

3

It is true that the...
and...
...
...
...
...
...

...
...
...
...
...
...
...

Mr. A. B. C.
1234

AMIGO

Pede-me licença para dar publicidade á minha caricatura: dou-lh'a completa. Não quero parodiar Scipião, negando-lhe vaidosamente os meus ossos. Faça delles o uso que julgar conveniente. Sou

Lisboa—Março, 1870.

Seu amigo sincero

L. A. Pulcinella.

Este me parece que da lugar a una
conclusión. Sin duda alguna, cuando se
trata de un caso de esta naturaleza, se

debe tener en cuenta

los siguientes

[Faint handwritten signature]



LISBOA
IMPRESA DE J. G. DE SOUSA NEVES
65, Rua da Atalaya, 67
1870

